

## O livro, o e-book e a poesia digital: considerações gerais

*Amador Ribeiro Neto\**

**RESUMO:** A chegada do computador e da era cibernética estão mudando comportamentos e linguagens do homem contemporâneo. Era da virtualidade, vida digital, hipertexto, poesia digital, e-book, homem semiótico etc., são realidades que mudam a língua, a linguagem, a literatura e o próprio livro.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciberliteratura; poesia digital; hipertexto; livro; e-book.

**ABSTRACT:** The arrival of the computer and the cybernetics era are changing contemporary man's behavior and language. Virtual era, digital life, hypertext, digital poetry, e-book, semiotic man, etc., are realities that cause changes in language, in literature and in the book itself.

**KEYWORDS:** cyber literature; digital poetry; hypertext; book; e-book.

Nestes tempos de Internet, a pergunta que mais se ouve é se o livro impresso deixará de existir. Depois da era das imagens, voltamos à era alfabética, nos diz Umberto Eco, em *Não contem com o fim do livro*. Nunca se leu e escreveu tanto como agora. O livro, ainda segundo Eco, não desaparecerá.

O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher. Designers tentam melhorar, por exemplo, o saca-rolhas, com sucessos bem modestos, e, por sinal, a maioria nem funciona direito.

---

\* Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

(...). O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (Eco; Carrière, 2009, p. 16-17).

Dentro da mesma linha de reflexão, observa Paulo Franchetti (2010, p. 10): “No sentido da portabilidade, perenidade, confiabilidade e acessibilidade, o livro ainda é uma tecnologia superior”. Mas Umberto Eco pondera:

É óbvio que um magistrado levará mais confortavelmente para sua casa as 25 mil páginas de um processo em curso se elas estiverem na memória de um e-book. Em diversos domínios, o livro eletrônico proporcionará um conforto extraordinário. Continuo simplesmente a me perguntar se, mesmo com a tecnologia mais bem adaptada às exigências da leitura, será viável ler Guerra e paz num e-book. Veremos. (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 17).

A questão que se coloca, pois, não é a do livro impresso convertido em e-book, simplesmente. Mas a do livro literário. Literatura é trabalho com a linguagem, é, nas palavras de Pound, “novidade que PERMANECE novidade” (2006, p. 33). Ou seja, a cada (re)leitura, uma nova significação é dada ao leitor. Por isto mesmo a dinâmica imposta pela manipulação do e-book não se harmoniza com a necessidade de um tempo mais vagaroso que o livro impresso propicia.

Mais adiante, o mesmo crítico complementa: “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (p. 40). Agora fica claro que, também para Pound, literatura é pura e simplesmente linguagem, ou seja, modo de dizer. O mesmo tema pode receber diferentes tratamentos conforme as variadas ciências da linguagem. Todavia, não a linguagem enquanto aparato vazio de jogos de palavras, de retórica balofa ou de construções semântico-sintáticas nonsense. Pound deixa

claro que a “grande literatura é” (...) “linguagem carregada de significado (...)” (p. 40).

Este significado é o norte para o leitor. E é ele que, depreendemos, perde-se nas páginas do e-book, quando estamos diante de uma obra literária, segundo Eco.

Se, em literatura, de um modo geral, é assim, para Paul Valéry, a questão da assimilação e fruição restringe-se, ainda mais, quando se trata da poesia. Ao tratar da relação entre prosa e poesia, nos diz o ensaísta e poeta francês:

Mas do que falamos quando falamos em “Poesia”? (...) Acho que é preciso desaprender a considerar apenas o que o costume e, principalmente, a mais poderosa de todas, a linguagem, oferece-nos para a consideração. É preciso tentar se deter em outros pontos além daqueles indicados pelas palavras, ou seja, pelos outros. (VALÉRY, 1991, p. 178).

Depois de enfatizar a importância da linguagem, Valéry discorre sobre as duas dificuldades essenciais no trato com a poesia: a divisibilidade e a musicalidade. Características que “escapam” ao ritmo “natural” do e-book:

O que se faz? Trata-se o poema como se fosse divisível (e como se devesse sê-lo) em um discurso de prosa que se basta e consiste-se por si; e por outro lado, em um trecho de uma música particular, mais ou menos próximo da música propriamente dita, tal como a voz humana pode produzi-la; mas a nossa não se eleva até o canto que, de resto, pouco conserva as palavras, atendo-se apenas às sílabas. (...). E quanto à música de poesia, essa música particular de que falava, para uns ela é imperceptível; para a maioria, desprezível; para alguns, o objeto de pesquisas abstratas, às vezes eruditas, geralmente estereis. (...) Nada mais enganador que os métodos denominados ‘científicos’ (e as medidas ou os registros, em particular) que sempre permitem que se responda ‘um fato’ a uma questão, mesmo absurda ou mal formulada. O valor desses métodos (como o da lógica) depende da maneira como são utilizados (VALÉRY, 1991, p. 180).

Mais adiante, ele continua como predizendo o uso imediato do e-book na literatura: “O que a obra produz em nós, portanto, é incomensurável com nossas próprias faculdades de produção instantânea” (VALÉRY, 1991. p. 192).

O livro que um dia Mallarmé projetou, depois Borges sonhou – e, antes deles, Heródoto quis –, este livro virou realidade. Mas realidade virtual. Este livro é o ciberespaço da infolinguagem.

Para Lucia Santaella (2004),

Dos anos 90 para cá, estamos assistindo a uma nova revolução que (...) provavelmente trará consequências antropológicas e socioculturais muito mais profundas do que foram as da revolução industrial e eletrônica, talvez ainda mais profundas do que foram as revoluções neolíticas. Trata-se da revolução digital e da explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunidades visuais. (...) Na ciberarte (...) as tradicionais divisões de papéis entre emissor e receptor se ampliam sobremaneira, com a sua condição interativa, a tradição das artes expositivas-contemplativas e mesmo das artes participativas (p. 173-175).

O texto eletrônico, por não se fixar em suporte material, como a folha de papel, possibilita o acesso a distância em tempo real. Ou seja, o texto, sem a materialidade do papel, pode ser lido por múltiplos (ou milhares) de leitores ao mesmo tempo, com tais leitores em espaços geográficos diversos.

A biblioteca universal chegou. O grande livro, soma de todos os livros e bibliotecas, tão almejado, está online. Está no ciberespaço. E o ciberespaço (espaço com inovações eletrônico-digitais, da cibernética, da computação, da informação, da comunicação) chegou rápido – e rapidamente está mudando a ordem econômica, a ordem social, a ordem cultural etc. Enfim, está mudando a linguagem. Sociedade da informação, era do virtual, vida digital,

homem semiótico, hipertexto, infopoesia, e-book são realidades instauradas em nosso tempo.

As escritas hipertextuais estão gerando uma economia na escrita, mudando a língua, a linguagem, a literatura. O ciberespaço ultrapassa a nossa capacidade de imaginação e, é claro, nos dá sentimentos de gozo e medo, ao mesmo tempo. Afinal, o novo assusta. “À mente apavora o que ainda não é mesmo velho”, canta Caetano (VELOSO, 1978). Oswald disse: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica” (ANDRADE, 2011, p. 61).

Por estas e outras, o novo, o velho, o novelo, o novelho está nos envolvendo em cada linha, em cada palavra, em cada música, em cada pensamento, com esta língua de literaturas, saberes e sabor.

Borges um dia declarou: “Dediquei grande parte de minha vida às letras, e creio que uma forma de felicidade é a leitura” (BORGES, 2000, p. 83).

Literatura: cursor de novos jogos, brincadeiras, armações, engenhos e engenhosidades: a língua proíbe e a literatura libera. Apenas proibição ou apenas liberação geral não dão em nada – ou levam à barbárie. O lance é continuar deixando literatura e língua trocarem seus beijos sem ter conta e sem ter fim.

Literatura: ludismo à mancheia. Exuberância. Pletora sem fim.

Com a mudança do meio de produção, ou da mídia de produção, se assim preferir-se, altera-se o modo de recepção do objeto literário. Walter Benjamin (1986) já nos chama a atenção para a nova mudança da postura, também física do leitor, diante do surgimento do jornal – em confronto com o livro.

Da mesma forma, a tela do computador impõe não somente mudança na postura física do leitor, como na assimilação das novas mensagens.

Diante de imagens que se movimentam associadas, ou não, a sons e cores, o repertório do receptor pede atualização face a esta nova realidade da obra artística.

A ubiquidade e a velocidade são os principais fatores acrescentados ao livro pelo texto eletrônico. Por ubiquidade entendemos a possibilidade de o leitor recuperar um texto para além do lugar em que eles se encontrem: sem materialidade, independente de sua localização original, o texto eletrônico pode ser lido simultaneamente por diversos leitores que se encontram em qualquer lugar do planeta (Parente, 1999, p. 69).

Mais que objeto cultural – como pontua o semiótico russo Chklóvski (1973) –, o texto literário é um processo cultural singular, desautomatizador, gerando novas percepções do objeto artístico e do mundo em si.

Como que antecipando as discussões que adviriam, o semiótico produziu um dos ensaios seminais sobre a arte e seus procedimentos, do qual nos valemos para aplicação aos conceitos e estudos da cibercultura. A respeito desta última, observa-nos Irene Machado (2003):

(...) nunca se falou tanto em linguagem e em texto como no campo da recém-nascida cibercultura. Exatamente porque a comunicação agenciada por processos ou redes digitais permitiu não apenas a expansão da linguagem para além do campo linguístico, como também a percepção de relações de linguagem em sistemas nunca antes considerados – do biológico ao digital – tornou-se imperativo encarar a semioticidade desse novo campo da cultura. Por ora os principais temas desse campo são: o processamento dos códigos pela digitalização, a contaminação entre sistemas de diferentes linguagens, os discursos criados pelo diálogo planetário, a problemática da modelização das línguas que dão suporte a este diálogo (p. 64).

A poesia sempre fez interações semióticas com a própria linguagem ou com outras linguagens. O mundo das artes está inserido em seu código verbal como mediação da possibilidade de criar transmutações de sentidos e significações. A poesia dá outro sentido ao já visto, ao já conhecido, como bem observou Chklóvski.

Mas a poesia, das artes verbais, a que encontrou na infolinguagem seu melhor meio de expressão é, segundo, Octavio Paz (1995),

(...) salvación, poder, abandono. Operación capaz de cambiar al mundo, la actividad poética es revolucionaria por naturaleza; ejercicio espiritual, es un método de liberación interior. La poesía revela este mundo; crea outro. Pan de los elegidos; alimento maldito. Aísla; une. Invitación al viaje; regreso a la tierra natal. Inspiración, ejercicio muscular. (p. 41).<sup>1</sup>

Em tempos de novos suportes e recursos tecnológicos, a poesia farta-se nas múltiplas possibilidades de criação face às novas mídias. Estudar as representações daí advindas é um desafio aos seus estudiosos, bem como aos poetas. Arte-ciência-tecnologia embrincam-se, mais que em outras épocas históricas.

O computador é hoje a grande máquina semiótica, afirma Pedro Barbosa (2001), ensaísta português especializado em ciberliteratura. Na tela do computador, desfilam signos dos mais variados matizes, questionando as formas de absorção das novas linguagens. Para Santaella, “qualquer descrição do computador é uma evidência de seu caráter simbólico e cognitivo” (2004, p. 88). Frente a este universo desafiador e estimulante, a poesia encontra um espaço a mais para as suas sempre renovadoras formas de manifestação.

Para o semiótico português Rui Torres (2003), o cibertexto (ou o texto em meio digital) modifica o uso inicial do computador, até então utilizado como máquina de armazenamento. A partir de agora, o computador pede um uso criativo. E é neste momento que surge a poesia digital. E, como consequência, altera-se nosso modo de percepção do mundo, gerando uma nova epistemologia

Ainda segundo Rui Torres, o computador modifica e amplia tanto a leitura como a escrita. Assim, o semiótico português apresenta três posturas abarcando a criatividade

---

<sup>1</sup>“(...) salvación, poder, abandono. Operación capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola, une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, exercício muscular”.

literária e o meio digital. São elas: (1) o hipertexto e a hiperficção; (2) o texto animado, interativo e multimídia; (3) o texto gerado por computador. Tais modalidades problematizam a mentalidade analógica e abrem caminhos para novas formas de expressão da literatura – e da poesia, em particular.

O hipertexto é o mais permanente e o mais visível. Desde a organização dos arquivos de bibliotecas que as disponibilizam a distância (é o lado permanente) até a cara e o prefixo da *www* – *world wide web* –, até o *http://* - *hypertext transfer protocol* (é o lado mais visível). Por isto mesmo o hipertexto é a mais conhecida das modalidades do cibertexto. Diz Rui Torres: “o hipertexto interessa aos estudos literários e culturais no sentido em que ele nos leva a identificar, no tipo de escrita não-linear e sequencial que o caracteriza, a própria noção de literariedade”. E continua: “Por outro lado, o hipertexto permite-nos rearticular, através principalmente da hiperficção, os conceitos de dialogismo e intertextualidade, o primeiro proposto por Bakhtin e o segundo por Julia Kristeva” (TORRES, 2003, p. 5).

A tendência do hipertexto para a autorreferencialidade (“a tomada de consciência acerca do próprio meio em que se inscreve”) o relaciona com a pós-modernidade. A convergência entre hipertexto e narrativa metaficcional faz-nos repensar as ligações (linkadas), a colagem, a mistura e a combinação tendo em vista o movimento do diálogo e a variação. Dentro da perspectiva rizomática de Deleuze e Guatarri não interessam o centro ou a periferia, mas as conexões e a pluralidade daí advindas.

O rizoma é, por definição, anti-hierárquico: todos os pontos que constituem o sistema estão interligados; qualquer ponto de um sistema rizomático pode estar ligado a outros sem obedecer a regras hierárquicas.

Dentro de uma linha não-linear de descentramento, o hipertexto destaca-se por conceder ao leitor o papel de construtor de sentido. Nele, o leitor torna-se autor, ou co-

-autor, já que é ele quem manipula a informação através das escolhas que faz.

O texto animado, multimídia, interativo dos blogs, twitters, facebooks etc., têm feito emergir uma literatura que, mais que em épocas precedentes, toma o leitor e a linguagem como vetores.

O princípio norteador de O jogo da amarelinha, os labirintos borgeanos etc., agora são matéria concreta de uma nova escrita, dos manuscritos de computador.

A poesia animada por computador, ao trazer para o universo da criação novos componentes como o efetivo movimento e a interatividade, abre portas e janelas para novos campos da criação. O que é altamente estimulante para a nova literatura – e em especial, para a nova poesia, a poesia digital (ou ciberpoesia, ou infopoesia – já que a terminologia ainda não foi fixada).

Por fim, o computador passa a gerar textos. A inteligência artificial nunca foi tão natural como agora. O computador é uma máquina semiótica por excelência, observa Pedro Barbosa (2001). Gera signos e linguagens. Tanto a partir de programas pré-estabelecidos, como através de programações aleatórias – e, portanto, inesperadas. Sem nos esquecermos que é constitutivo da tecnologia ela tornar-se obsoleta a cada nova invenção em seu próprio campo.

Poesia e computador realizam um ato semiótico, em que a primeira é a representante de uma tradição da arte da palavra e o segundo, um aparelho eletrônico, uma máquina programável que estoca e recupera dados e executa operações lógicas e matemáticas numa grande velocidade, mas que também oferece possibilidades de mediação e transmutação, produzindo signos, significações. (ANTONIO, 2010, p. 27).

Se pensarmos historicamente, veremos que, potencialmente, os meios eletrônico-digitais já se faziam presentes nas múltiplas variedades da linguagem da poesia barroca. Se tomarmos, a título de exemplo, o caso Gregório de

Matos, temos um poeta que soube manipular os recursos poéticos barrocos como verdadeiros links que se abrem a novos links gerando hipertextos dentro de novos textos, como se usasse o editor de texto e imagem do computador. A junção de várias partes do poema implica a criação de outros poemas, como produzir um interpoema.

O poema “Ao braço do menino Jesus quando aparecido” é um caso típico desta abertura “digital”, digamos assim. Vejamos o poema na sua íntegra:

“Ao braço do menino Jesus quando aparecido”  
(Gregório de Matos)

O todo sem a parte, não é todo;  
A parte sem o todo não é parte;  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga que é parte, sendo o todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo,  
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço que lhe acharam, sendo parte,  
Nos disse as partes todas deste todo.

(MATOS, 2003, p. 59)

Constatamos que há uma permuta entre os termos “todo” e “parte”, que se abrem para novos significados para o poema. Significados que são regidos por uma linha limítrofe à direita, uma vez que não há “rimas” no poema, a não ser a repetição destas duas palavras, contrariando o esquema tradicional rímico do soneto petrarquiano, que

serve de modelo a este soneto (14 versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos) e à totalidade dos sonetos gregorianos (com rimas interpoladas e emparelhadas nos quartetos, e alternadas nos tercetos).

As estruturas poéticas deste poeta baiano barroco mantêm uma dinâmica contínua e renovada da construção de significados pelo jogo intersemiótico de significantes. Para começo de conversa, em parte significativa da poesia de Gregório, não há um centro diretivo. Há pistas rizomáticas para voos e navegações. Aliás, navegar é mais Gregório que voar: pela época das navegações e pelo uso metafórico que o termo assimilou hoje.

As palavras de Jorge Luiz Antonio parecem apropriadas, guardadas as devidas proporções de tempo, espaço e linguagem, para descrever o processo poético barroco de Gregório:

(...) a palavra que provoca a sensação de visualidade através da parataxe, descritividade, referencialidade; a espacialização dessa palavra, indicando movimento ou não, que se torna também elemento estético; essa mesma visualidade transportada, acondicionada a um editor de texto e de imagem, ou seja, a poesia visual no computador; tantas alterações ocorrem que a palavra deixa de ser legível e passa a ser imagem; a palavra no contexto digital; a palavra em diagrama, produzindo o hipertexto a partir de relações à maneira de uma nova sintaxe; a junção de vários tipos de poesias, com o objetivo de produzir uma interpoesia; uma poesia hipermídia; uma poesia eletrônica como forma de releitura da poesia verbal já existente; uma poesia em movimento num site; a poesia-em-construção que estabelece relações diferentes entre leitor e autor, fazendo com que o primeiro seja o segundo, e vice-versa; ou mesmo releituras digitais de criações poéticas nos meios eletrônico-digitais, numa espécie de intertexto hipertextual. (...) A fusão da palavra e da imagem determina inúmeros caminhos, cuja delimitação faz-se extremamente necessária, até pelo uso dos termos palavra e imagem. (...) Parece-nos necessário delinear uma relação da palavra com a imagem enquanto

produto literário. O que significa que é um poeta que vai incluir a imagem na sua obra literária. É um artista da palavra que, também conhecedor dos mecanismos estéticos da imagem, vai utilizar outro recurso artístico. (...) O que vai diferenciar a palavra-imagem ou imagem-palavra da poesia, delimitada de outras artes que usam dos mesmos elementos constitutivos, é a sua função poética. É o contexto poético que conforma essa mensagem. (ANTONIO, 2010, p. 3-5, CD encartado).

Vale salientar que a poesia digital, com todo uso que faz da tecnologia de ponta, não é puro experimentalismo, não é mera aplicação vanguardista, não é apenas aplicação vanguardista da high technology. Ela, como bem observou Jorge Luiz Antonio, representa um

(...) elo cultural entre as poesias oral, verbal e visual, no sentido que os termos têm sido usados nas mais diferentes manifestações literárias, indicando um certo encadeamento e continuidade histórico-culturais: a poesia digital é a mais recente manifestação poética, um produto que concilia a arte da palavra e a tecnologia contemporânea. A conformidade da palavra à imagem digital passa por um processo que pode apresentar resumidamente como a palavra à procura da imagem, semelhante ao conceito que Roland Barthes denominou de função utópica da literatura: a palavra tem a intenção de se tornar o ser ou o objeto que ela representa. A relação entre a palavra e imagem permite inúmeros enfoques, dentre os quais faz-se necessário estabelecer um parâmetro de enfrentamento da questão (ANTONIO, 2010, p. 3, CD encartado).

Nas palavras de André Parente (1991),

O ciberespaço é o novo espaço de comunicação da humanidade, aquele que integra algumas das mais importantes inovações da humanidade, aquele que integra algumas das mais importantes no campo da eletrônica, da cibernética, da computação, da informação e da comunicação. O ciberespaço está transformando profundamente a ordem

econômica e social: fala-se em sociedade da informação, era do virtual, vida digital, homem simbiótico. (...) as escrituras hipertextuais estão engendrando uma nova 'economia da escrita'. Por outro lado, o hipertexto e a realidade virtual constituem os principais polos de aplicação do ciberespaço, que nos levam a repensar a dinâmica do processo de comunicação. (p. 78-79).

O livro pode não desaparecer, como afirma Eco, mas seu modo de compor já é outro. Sorte da literatura, que se renova, depois de renovar tantas mídias, como o cinema, a TV, o computador, o vídeo.

## Referências

- ANDRADE, Oswald. Manifesto da Poesia Pau Brasil. In: \_\_\_\_\_. A utopia antropofágica. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011 (Obras Completas de Oswald de Andrade). p. 59-66.
- ANTONIO, Jorge Luiz. ANTONIO, L. J. Poesia Digital: teoria, história, antologias. São Paulo: Navegar Editora; Columbus, Ohio, EUA: Luna Bionde Prods; FAPESP, 2010. Contém CD encartado.
- BARBOSA, Pedro. O computador como máquina semiótica. Revista de Comunicação & Linguagens. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, n. 29, 2001.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política. 2. ed. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 165-196.
- BORGES, J. L. Pensamento e poesia. In: \_\_\_\_\_. Esse ofício do verso. Trad. José Marques Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 82-101.
- CHKLÓVSKI, V. A arte como procedimento. In: \_\_\_\_ et al. Teoria da Literatura: Formalistas Russos. Trad. Ama Mariza Ribeiro Filipouski, Maria Aparecida Pereira, Regina L. Zilberman, Antonio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 39-56.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FRANCHETTI, Paulo. Poesia digital. In: ANTONIO, L. J. Poesia Digital: teoria, história, antologias. São Paulo: Navegar Editora; Columbus, Ohio, EUA: Luna Bionde Prods; FAPESP, 2010. p. 9-10.

MACHADO, Irene. Escola de Semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, FAPESP, 2003.

MATOS, Gregório de. Ao braço do menino Jesus quando aparecido. In: BARBOSA, Frederico; DANIEL, Claudio (Orgs.). Cinco séculos de poesia: antologia da poesia clássica brasileira. 3. ed. rev., São Paulo: Landy, 2003.

PARENTE, André. O virtual e o hipertextual. Rio de Janeiro: Pazulin. Núcleo de Tecnologia da Imagem/ ECO-UFRJ, 1999.

PAZ, Octavio. El arco y la lira. In: \_\_. La casa de la presencia: poesía e historia. Mexico: Fondo de Cultura Económica, Obras Completas, v. 1, 1995.

POUND, Ezra. ABC da literatura. 11. ed. Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix. 2006.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

TORRES, Rui. Poesia em meio digital: algumas observações. In: GOUVEIA, Luís Borges; GAIO, Sofia (Orgs.). Sociedade da Informação: balanço e implicações. Porto: Edições da Universidade Fernando Pessoa, 2003.

VALÉRY, Paul. Questões de poesia. Primeira aula do curso de poética. In: BARBOSA, João Alexandre (Org.). Variedades. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VELOSO, Caetano. Sampa. In: \_\_. Muito: dentro da estrela azulada. CD, 1978.